

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural
1995



ADVERTÊNCIA
02 MAR 1995
CÂMARA LEGISLATIVA DO D.F.
BRASILIA - D.F.

é... boi!

: I m a n t e d e T e d e r :

Luiz Manzollilo é escritor, poeta e crítico literário e um dos expoentes da nossa literatura. Atualmente em peregrinações mundo afora, Manzollilo com certeza está levando a literatura nacional e brasileira às alturas.

Nesta crônica publicada na antologia "Cronista de Brasília", uma edição deste ano da Associação Nacional dos Escritores, organizada pela escritora Aglaia Souza, trata da cultura de nosso país. Será que ela existe? Ou ela viceja apenas nas catacumbas? Leia e veja o que Manzollilo pensa sobre o assunto.

A cultura escorraçada

■ LUIZ MANZOLLILLO

Nem sei se devo. As amargas, não? Ou lutar para espancá-las, adocicá-las? O certo, sob o título ácido, é que um novo povo sem cultura não faz história, não emula no mundo, fica a reboque dos mais avançados. Talvez nem seja povo.

Se o Brasil tem cultura? Tem, sim, minha senhora. E muita. Da expressão mais popular à norma culta.

No Prêmio Nestlé de Literatura de 94, por exemplo, nos diversos gêneros, nada menos de catorze mil obras concorrentes. É uma expressão de pujança. O diabo (mau conselheiro...) é que a cultura tupiniquim viceja em catacumbas, pouco se ensolara, detenta em solitária. É, enfim, uma ejaculação recolhida (crua a imagem, mas suponho que precisa).

Veja a literatura. Outro dia adquiri, no Ivan, exemplar do World Almanac, alentada e tradicional publicação norte-americana. Escritores de todo canto ali estão verbatizados - americanos, ingleses, alemães, espanhóis, italianos, russos, árabes, hispânicos, suecos, africanos. Do Brasil, zero. Mas nem o Amado (só citado no capítulo das personalidades mundiais)? O Veríssimo? O Lobato? O Rosa? Nem mesmo o Machado? Sequer o João Cabral, ganhador recente de importante prêmio no próprio país de Updike? Pois é, minha senhora, dá o que pensar, não é? Mas não será culpa nossa? Afinal, nossas Academias e Associações se comunicam com editores e veículos? Se divulgam?

Aí está o reflexo maior de uma cultura desaculturada: tirante o futebol (exportado para o consumo mundial, assim como laranjas, frangos, carne, café - e

... mulheres), sofremos de nanismo elitista cultural (crônico), entropia que leva de roldão o próprio conjunto da nacionalidade. Entenda por nanismo elitista a microscópica presença da cultura em duas restritíssimas cama-



César Lacerda (PTB)



Apresentei na Câmara Legislativa o Projeto de Lei 720/95, que determina a fixação de obras de arte em edifícios construídos no Distrito Federal. Com isso, em todos os prédios edificadas com área superior a dois mil metros quadrados deverão constar obras de valor artístico, sem as quais não serão concedidas as competentes cartas de habite-se.

Quero com esse projeto propiciar a valorização da arte e do artista brasileiro e ao mesmo tempo conferir uma maior beleza aos edifícios aqui construídos.

Peniel Pacheco (sem partido)



Acho importante destacar o papel de Brasília como ponto de concentração da cultura nacional, quando assistimos à realização do I Encontro da Cultura Brasileira aqui na capital federal. Enfim, os mandatários de nosso País começam a perceber que, apesar de seu berço descompromissado com essa ou aquela corrente cultural, Brasília começa a surgir como ponto de convergência das mais diferentes e peculiares manifestações culturais existentes nesta Nação e que será sua função, no futuro, irradiar para o mundo a verdadeira cultura nacional, que já vai nascendo, como resultado da miscigenação dessa imensa diversidade.

das da sociedade: mas, por se locupletar em tudo, tem acesso a tudo; outra, por se obstinar, luta para alcançar o ralo e caro produto cultural. No mais, que fazer, se nem ao menos as crianças são educadas na leitura?

Vejamos alguns exemplos. Um poeta amigo, Fernando Mendes Viana (grande vate do *Cavalo Verde*), acadêmico, aposentado bem posto, certa vez elencou obras necessárias para pesquisas. Foi a livrarias, consultou catálogos, orçamentou. Resultado: não dava, muito caros. Não poderia comprá-los, mesmo à prestação os juros seriam imensos e lhe corroeriam o caixa: os preços da capa iam pela estratosfera, sob a sanha dos cartéis papaleiros hiperinflacionários.

Outro, o maestro Ted Moreno (ex-Globo), de larga nomeada, espera (como Jacó) que lhe entregassem, na Fundação Cultural, a batuta de uma idealizada Grande Orquestra Popular, proposta de Newton Rossi. Que seria "cif"; ou seja, os músicos receberiam apenas cachês. Tudo simples e de grande apelo popular: correriam praças, escolas, satélites, entorno, estados. Só recentemente (falo de maio de 94) a Fundação Cultural aprovou o projeto. A fórceps. O maestro esteve a pique de desistir (e nós, cortesãos provincianos, quase a perder um projeto capaz de sacudir o marasmo cultural oficial...).

Há inúmeros escritores, por outro lado, honrando as letras de Brasília, com uma ruma de prêmios nacionais e internacionais digna dos maiores centros urbanos, daqui e d'alhures. Ainda agora, Patrícia Bins, carioca da Academia de Letras do Brasil, abiscoitou o prêmio de novelas da Brasileira e Antonio Carlos Osório, da Academia Brasileira de Letras, o de oratória e retórica. Ao contrário das outras artes e dos esportes, que daqui exportaram os Oswaldo Montenegro, Piquet, Françoise Fourton, Tande, Denise Bandeira e Pipoca, na luta por suas carreiras, os escritores da "corte", há décadas, declararam o seu "fico". Por que, minha senhora? Ora, simples (embora trágico): se não logram a comercialização de sua literatura, a menos profissional das atividades intelectuais bra-



sileiras, o que fazer? É tocar as suas profissões alimentares, afinal, comer é preciso...

Conto-lhe uma anedota, digna senhora. Certo escritor foi a uma feira no exterior e, apresentado a um leitor curioso pelas letras brasileiras, respondeu perguntas sobre gêneros, estilos, edições, prêmios. Wonderful! - exclamou o sangüíneo primeiromundista. Comprou-lhe diversos exemplares, aliás, da Thesaurus daqui. Impando de orgulho, o escritor voltou ao Brasil e, no internacionalíssimo Galeão, onde pululam os vips, foi apresentado a um grupo de patricios tais. Diante de alguma indiferença dos circunstantes, o amigo elogiou-lhe o estilo, a alentada produção, os prêmios, os galardões acadêmicos. Ao que um dos bocejantes interlocutores indagou: "Mas, qual é mesmo a sua profissão?"